
**O “ditador desaparecido”: a morte de Josef Stalin nas páginas do jornal *A Notícia*
(Joinville, 1953)**

José Carlos Marujo¹

Resumo: A partir da análise das notícias veiculadas no jornal *A Notícia*, de Joinville, em março de 1953, o estudo buscou delinear os discursos presentes na reação da publicação sobre a morte do líder soviético Josef Stalin (1878-1953) e quais eram algumas das expectativas para o futuro da União Soviética expressas pelo editorial. Para entender a constituição desses discursos remeteu-se, entre outras variáveis, às diretrizes político-partidárias do jornal e ao fenômeno anticomunista.

Palavras-chave: Joinville (SC); Jornal *A Notícia*; Josef Stalin; anticomunismo.

Abstract: Through the analysis of news articles published on the newspaper *A Notícia*, from Joinville, during march of 1953, the research intended to outline the publication’s discourses about the death of soviet leader Josef Stalin (1878-1953) and what were some of its expectations around the future of the Soviet Union following the event. To comprehend these discourses, the political and partisan guidelines of the newspaper were taken into consideration, as well as its anticommunism.

Keywords: Joinville (SC, Brazil); Newspaper *A Notícia*; Josef Stalin; anticommunism.

A morte de Josef Stalin, em 05 de março de 1953, foi um evento mundial. O ‘desaparecimento’ do ‘generalíssimo’ soviético em plena Guerra Fria revelou as mais diversas reações, medos e expectativas em relação às políticas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o impacto da morte do líder no país e fora dele. Essa dimensão do ocorrido expressou-se nas páginas do jornal *A Notícia*, de Joinville, e o presente estudo buscou reconstruir as narrativas do periódico e as perspectivas para o futuro da União Soviética que ele apresentou imediatamente após a morte de Stalin.

O jornal, enquanto fonte histórica, nos oferece abundantes e variadas informações. Tania Regina de Luca afirma que a utilização dos periódicos na produção historiográfica tem suas raízes nas discussões realizadas pela Escola de Annales a partir do final da década de 1920. Este movimento encabeçou uma renovação temática radical na historiografia e questionou, desde o início, a noção de ‘fontes’². No Brasil, no que diz respeito aos jornais e periódicos, a autora sustenta que os historiadores do país encaravam com desconfiança a utilização dessas mídias como base para a pesquisa. Ainda assim, eles começaram a ser

1 Acadêmico da Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Artigo redigido em 2017/1 para fins de avaliação da disciplina de História de Santa Catarina, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cristina Scheibe Wolff. Email jose.marujo@grad.ufsc.br

2 LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, p. 111-54, 2008, p. 113.



incorporados aos estudos a partir, principalmente, da década de 1960³. Para Luca, metodologicamente, “historicizar” o jornal requer atenção à sua materialidade, funções sociais e conteúdo, além de suas relações com o mercado, com a publicidade e com o público. Tais variáveis são relevantes na medida em que estão revestidas de intencionalidades⁴.

Assim, o *A Notícia* foi escolhido como ponto de partida para analisar novas dimensões da influência da URSS, de Stalin e do anticomunismo na imprensa e na sociedade brasileira. Editado há mais de noventa anos, o jornal se consolidou rapidamente como um dos jornais mais importantes da região norte catarinense e, portanto, era um relevante difusor de ideias e ideologias, como veremos adiante. As narrativas da morte de Stalin em suas páginas são reveladoras do contexto brasileiro de conflito com a ideologia comunista em sua expressão no estado de Santa Catarina, um campo que se demonstra pouco explorado. As páginas seguintes se dedicam a um panorama do governo e da morte do líder soviético, um histórico do *A Notícia* e de seu contexto específico e a busca de elementos discursivos que demonstrem um posicionamento político em relação ao evento por parte da redação do jornal.

O narrado

Stalin, nascido Josef Djughashvili em 1878, na Geórgia, começou sua militância em 1901 em Tiflis, capital do país, seguindo as diretrizes de Lênin divulgadas através do periódico *A Centelha*. Segundo José Paulo Netto, sua atuação se aproximava da clandestinidade, já que organizava as ações armadas – papel que desempenhou, também, na Revolução Russa de 1917. Dali em diante sua influência só cresceu: em 1922 se tornou secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e em 1941 primeiro-ministro da URSS. Foi um dos líderes que guiaram a vitoriosa luta contra a Alemanha nazista, o que elevou seu prestígio e o consagrou *generalíssimo*⁵.

É lembrado como o responsável pelo grande desenvolvimento econômico experimentado pela União Soviética entre as décadas de 1930 e 1940, o que contribuiu para o surgimento do chamado “culto à personalidade” de Stalin: um fascínio desmedido por ele, desenvolvido pela população soviética e pelos partidos comunistas ao redor do mundo⁶ – o que em muito aumentou o choque quando, no vigésimo congresso do PCUS em 1956, Nikita

3 LUCA, op.cit., p. 116-8.

4 Ibidem, p. 132, 138.

5 NETTO, José Paulo. O que é stalinismo. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 10-3.

6 Ibidem, p. 14.



Khrushchov publicizou os violentos expurgos realizados entre 1934 e 1939, quando boa parte da cúpula e dos quadros do Partido, milhares de membros do Exército Vermelho e inúmeros civis foram expulsos ou assassinados. Sob o lema de proteção da Revolução, o que Stalin pretendia – e conseguiu, em boa medida – era eliminar oposições ao seu governo. O caso mais recordado é do conhecido opositor Leon Trotsky (1879-1940), exilado e posteriormente executado.

Segundo Abraham Rothberg, quando morreu, Stalin “deixou a União Soviética num dilema moral e político [...], deixou a nação despreparada”⁷. Nesse sentido, seu ‘desaparecimento’ colocou em questão a sucessão de seus postos como secretário-geral e primeiro-ministro, além de causar um certo temor em relação ao futuro da URSS – dentro e fora dela. É nesse quadro que se insere este estudo. A seguir, nos ocuparemos de um panorama da história do jornal *A Notícia* para, em seguida, analisar algumas das notícias veiculadas pela publicação em março de 1953, mês da morte de Stalin e de maiores discussões quanto a repercussão do ocorrido.

Os narradores

O jornal *A Notícia* foi fundado em março de 1923, em Joinville, por Aurino Soares. Nas duas décadas seguintes ganhou espaço na comunidade local e, com sua publicação diária desde 1930, foi um empenhado difusor da ideologia nazista na imprensa da região durante a Segunda Guerra Mundial⁸. Contava, nesse período, com um número considerável de anunciantes: boa parte do tempo duas das quatro páginas eram dedicadas à anúncios e publicidade, o que atesta a popularidade do noticiário⁹. Em 1944, porém, sua publicação é interrompida com a morte de seu fundador. Apolinário Ternes nos oferece uma perspectiva interessante sobre a jornada da publicação: em 1983 publica *História do Jornal A Notícia*, livro editado na própria redação do jornal em razão do aniversário de sessenta anos do periódico. Em um texto que se pretende histórico, mas que não se priva de juízos de valor, positivos e negativos, Ternes assevera uma visão particular para a trajetória do *A Notícia*. Ele estabelece, também, uma divisão da história do jornal em fases: da fundação, em 1923, até a

⁷ ROTHBERG, Abraham. Os herdeiros de Stalin: a dissidência e o regime soviético (1953-1970). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1972, p. 17-8.

⁸ BARCELLOS, Bruna Luíza; FERNANDES, Mário Luis. Jornal *A Notícia* e o discurso nazista em Santa Catarina. Cenários da Comunicação, v. 7, n. 2, p. 127-135, São Paulo, 2008, p. 128, 131-2.

⁹ TERNES, Apolinário. *A Notícia: jornalismo & história (1923-2003)*. Joinville: Letradágua/A Notícia, 2003, p. 53.



morte de Aurino Soares, em 1944; da reabertura, em 1946, até a transição da administração para uma sociedade anônima, em 1956; de 1956 até 1978, momento em que o jornal sofre uma retração; e de 1978 em diante, quando o jornal se moderniza, cresce e se estabelece¹⁰. Utilizaremos, aqui, essa divisão, com destaque para a segunda fase.

Segundo Ternes, após a morte de seu fundador, o jornal enfrentou um período de grande dificuldade: por 18 meses, enquanto os credores de Aurino Soares inventariavam o patrimônio do jornal e da gráfica onde era impresso, além das dívidas do falecido chefe, o *A Notícia* deixou de circular. Em maio de 1946, sob direção de Antônio Ramos Alvim e Pedro Torrens, antigos amigos de Soares, o jornal voltou às bancas¹¹. Fator determinante para tal foi o patrocínio financeiro de Aderbal Ramos da Silva, político de Florianópolis filiado ao Partido Social Democrático (PSD), cujo nome jamais apareceu em documentos oficiais – sua influência foi sentida, principalmente, através de Abelardo de Silva Gomes, seu ‘homem de confiança’. O ‘apoio’ de Ramos da Silva definiu com clareza a linha editorial dessa segunda fase do jornal, a publicação tinha, então, “fins puramente políticos”¹², a saber, o de eleger o psedista para o governo do Estado. De fato, em 1947, Ramos da Silva foi eleito governador com uma considerável vantagem sobre o adversário da União Democrática Nacional (UDN), Irineu Bornhausen.

Ternes atribui essa vitória, em boa parte, à influência do *A Notícia*; o entendimento dessa relação, no entanto, ainda precisa ser explorado mais cuidadosamente. Nas edições analisadas para a realização deste estudo, o número de anúncios era considerável. Como afirmado anteriormente, este pode ser um dos sinais que apontam para a importância do jornal no período. Não é possível afirmar, no entanto, se ele era prestigioso o suficiente para influenciar eleições estaduais. O fato é que na época a publicação, em formato de tabloide, era diária e tinha uma tiragem de cerca de três mil exemplares – número que subia para 3.800 aos domingos – e concorria com o udenista *Jornal de Joinville*. Fundado em 1919, este era o principal oponente político do *A Notícia* e, segundo Ternes, em determinados momentos “se manteve em pé de igualdade” quando se tratava de prestígio e popularidade¹³.

10 Essa temporização foi primeiro idealizada em: TERNES, Apolinário. História do Jornal A Notícia. Joinville: A Notícia, 1983. Nela, a terceira fase do jornal encerrava-se em 1980. Em 2003, no entanto, uma reedição do livro, publicada em comemoração ao aniversário de oitenta anos de fundação do jornal, atualizou a divisão para a forma aqui apresentada. Ver: TERNES, 2003.

11 TERNES, 1983, p. 91-3.

12 Ibidem, p. 94.

13 Ibidem, p. 98-9.

O jornal se tornou, inegavelmente, veículo político do PSD em oposição à UDN. Em editorial de 20 de outubro de 1956, quando a publicação passou oficialmente a uma nova administração, o então diretor Roberto Hélio Ramos Alvim escrevia:

Filiados ao Partido Social Democrático, com ele marchamos desde a primeira hora. Com ele e por ele tomamos parte ativa aliciadora e orientadora da opinião pública [...]. Em cada e em todas as edições de nosso jornal, nesses longos dez anos fez-se sentir, esteve presente, com toda a convicção, a orientação político-doutrinária do Partido Social Democrático¹⁴.

Nem sempre esse apoio foi tão evidente e, podemos supor, tal honestidade relacionou-se à eminente saída dos administradores psedistas da direção do jornal. Mesmo no curto período analisado para este trabalho, no entanto, a presença de notícias relacionadas ao partido e seus políticos é marcante. A crítica aos opositores udenistas perpassou por um ponto que nos interessa analiticamente: no artigo supracitado, eram acusados de coligação com os comunistas¹⁵. Esse argumento já vinha sendo utilizado pelo PSD desde 1945, quando, em ocasião da queda de Getúlio Vargas e subsequente campanha à presidência, alguns membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) associaram-se à UDN¹⁶. Aí está um dos primeiros sintomas do anticomunismo do jornal que afetou, em maior ou menor medida, sua cobertura em notícias relacionadas à União Soviética e a morte de Stalin.

Rodrigo Patto Sá Motta, em seu estudo referencial *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, aponta que o anticomunismo organizado e militante, que teve grande impacto no século XX, surgiu num panorama mundial de recusa da Revolução Russa e subsequente instauração da administração bolchevique. No Brasil, segundo o autor, a reação teria sido imediata, com setores da imprensa e das elites se manifestando contra o evento durante toda a década de 1920. Além disso, a consolidação do PCB, durante a década de 1930, e a Intentona Comunista de 1935, evento marcante para as classes políticas e econômicas dominantes do país, teriam cimentado o sentimento anticomunista em setores da sociedade¹⁷.

Para Motta, as principais vertentes do movimento no Brasil foram a católica, que tratava o comunismo como um inimigo da Igreja¹⁸, a nacionalista, que nessa forma específica era

14 ALVIM, Roberto Hélio Ramos. Despedida. *A Notícia*, Joinville, 01 mai. 1956, p. 1 *apud* TERNES, ibidem, p. 101.

15 Ibidem, p. 96.

16 BOHOSLAVSKY, Ernesto. Os partidos de direita e o debate sobre as estratégias anticomunistas (Brasil e Chile, 1945-1950). *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 51-66, Belo Horizonte, jan/abr 2014, p. 56.

17 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002, f. XIX-XXI.

18 Ibidem, p. 18.



defensora “da ordem, da tradição, da integração e da centralização”, bandeiras inconciliáveis com os ideais da Revolução de 1917¹⁹, e o liberalismo, que acusava o comunismo de debelar a liberdade e violar o postulado quase sagrado da propriedade privada²⁰.

Estavam presentes, na segunda fase do *A Notícia*, discursos provenientes dos ideários católico e nacionalista, mas, considerando os fundamentos liberais do PSD e o destaque dado a facetas autoritárias do stalinismo, como veremos adiante, podemos supor que o jornal estava mais fortemente ligado à matriz liberal.

Alguns elementos que podemos destacar para corroborar tal afirmação estão presentes em editorial de 1º de maio de 1946, de reinauguração do jornal, em que Abelardo da Silva Gomes afirmava que a nova direção não pouparia “esforços no combate às idéias [sic] dissolventes e desnacionalizadores, venham de onde vierem, seja sob roupagem cintilante ou bandeiras coloridas, com braços para cima ou punhos cerrados”²¹. Aqui, há uma dupla crítica: primeiro ao comunismo, que, como mostra Rodrigo Motta, era encarado também a partir da perspectiva de “ameaça estrangeira”²² e, em seguida, ao nazismo (“braços para cima”), que, como já observado, foi parte do ideário do jornal e de seu fundador até 1944. A relação do jornal com a ideologia nazista e a influência disso nas narrativas da Segunda Guerra Mundial, onde a URSS e Stalin tiveram reconhecida participação, ainda constituem campos pouco estudados²³.

É significativa, no entanto, essa aparente negação do nazismo no momento que a cidade de Joinville vivia entre as décadas de 1940 e 1950. O município sentiu nesse período os efeitos da campanha de nacionalização empreendida pela ditadura Vargas. Como uma cidade formada, em boa parte, por descendentes de imigrantes alemães, esse período foi extremamente delicado. A proibição dos costumes e da língua alemã durante a campanha teve profundos efeitos na população local e a disputa se acirrou durante a Segunda Guerra Mundial. Essas marcas que têm sido destacadas na historiografia sobre o período, como no estudo de Janine Gomes da Silva, que mostra que no centenário da cidade, em 1951, houve uma recuperação do passado dos “pioneiros” alemães e uma valorização de seus ‘feitos’, mas que destacava a união com os ‘demais brasileiros’ definidora da formação da cidade e de seu

19 Ibidem, p. 29.

20 Ibidem, p. 37.

21 GOMES, Abelardo da Silva. Retorno. *A Notícia*, Joinville, 01 mai. 1956, p. 1 *apud* TERNES, op. cit., p. 93.

22 MOTTA, op. cit., p. 55.

23 Até onde foi possível averiguar, somente um trabalho foi realizado sobre a ligação do jornal com o ideário nazista: BARCELLOS; FERNANDES, 2008.

progresso econômico²⁴. O *A Notícia* esteve presente em tal campanha, declarando em 04 de março de 1951:

Ali, em seu pródigo e rico seio vive e trabalha os seus incansáveis habitantes, brasileiros dinâmicos de olhos azuis e cabelos louros e que de braços dados com seus irmãos de Tez Morena e olhos pretos, labutam pela felicidade de suas famílias e pela grandeza de sua pátria, legando aos seus pósteros a mais bela e sublime lição de trabalho e ardor progressista [...] ²⁵.

Em 1946 Abelardo da Silva Gomes asseverou, ainda, o caráter "livre, cristão e farto" de um Brasil que não precisaria, portanto, "importar usos e costumes, bem como práticas políticas de outras procedências [...] não condizentes com nossas tendências democráticas"²⁶. Nas fontes pesquisadas, questões relacionadas à liberdade e à cristandade na União Soviética e países-satélite figuram com alguma frequência, inclusive em textos não relacionados à morte de Stalin. Um artigo intitulado "O cristianismo ainda um problema para o Kremlin", publicado em 13 de março de 1956, por exemplo, apontava o 'impasse' da "continuada influência do cristianismo na vida soviética"²⁷. Outro, ainda, denunciava: "Escolas sem Deus na zona russa da Alemanha"²⁸. A próxima sessão do texto é dedicada a análise dessas e de outras questões.

As narrativas

"Faleceu Josef Stalin" anunciava, em 6 de março de 1953, a capa do *A Notícia*. No artigo jornalístico que se segue, notícias vindas de Moscou, Washington D.C., Paris, Londres e Zurique, informando sobre os detalhes médicos, o "testamento político" deixado pelo líder soviético e um esboço da reação da comunidade judaica perante o evento. Na última página da edição, o texto continua, expondo a reação do presidente norte-americano à época, Dwight D. Eisenhower, e uma declaração do russo Alexander Kerensky, ex-primeiro-ministro do Governo Provisório de 1917, que diz não esperar modificações radicais na política soviética mas deseja que a morte de Stalin devolva, "afinal de contas", "a liberdade ao povo russo,

24 SILVA, Janine Gomes da. Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese (Doutorado em História Cultural), UFSC, 2004, p. 18.

25 O Centenário de Joinville. *A Notícia*, Joinville, 04 mar. 1951, p. 3 *apud* Ibidem, p. 16.

26 GOMES *apud* TERNES, op. cit., p. 93.

27 O cristianismo ainda um problema para o Kremlin. *A Notícia*, Joinville, 13 mar. 1953, p. 3.

28 Escolas Sem Deus Na Zona Russa Da Alemanha. *A Notícia*, Joinville, 8 mar. 1953, p. 4.



primeira vítima da ditadura totalitária [sic] comunista". Na chamada da matéria, declarações dos dirigentes do Partido Comunista Russo lamentam "o desaparecimento de seu chefe supremo"²⁹. Junto do texto, uma foto oficial do líder.

Na segunda página de todas as edições desta fase do jornal se encontra o aviso de que "a direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos ou notas assinadas", mas, como vimos, o jornal *A Notícia*, de 1946 a 1956, tinha um cunho político-partidário bem definido e, portanto, não é inseguro supor que os textos assinados estivessem alinhados aos interesses dos editores. Nesse sentido, um artigo cunhado por Francisco Carlos Soderó, intitulado "Que acontecerá na União Soviética quando morrer Stalin?", publicado na edição supracitada em largo espaço, nos oferece uma perspectiva interessante.

Soderó opina, principalmente, sobre a sucessão de Stalin no cargo de primeiro-ministro. Cita, para tal, três nomes: Geórgiy Malenkov, "secretário particular de Stalin [...], que tem vistas a [ilegível] os papéis e documentos mandados pelo ditador de todas as coisas"; Lavrentiy Beria, "o temido chefe da polícia secreta [...]. A seu cargo e á [sic] sua disposição ficam os prisioneiros políticos [sic], inimigos do regime. E quem na patria de Trotsky, está hoje livre de uma acusação de tal tipo?"; e Vyacheslav Molotov, "homem de confiança do partido, isto é, de Stalin"³⁰.

Esses apontamentos trazem à tona diversas questões. Em primeiro lugar, o texto de Soderó é o único da edição de 06 de março a se referir a Stalin como "ditador". O termo se tornará recorrente nas edições seguintes, mas é marcante que um artigo assinado, pelo qual os diretores ‘não se responsabilizavam’, traga tal termo aliado a uma escrita muito mais crítica e dura ao governo stalinista do que o texto editorial, como mostra o destaque para a perseguição política de "inimigos do regime" e a equiparação do PCUS à figura de Stalin, elemento chave do já citado ‘culto à personalidade’ do líder. O artigo de Francisco Carlos Soderó, portanto, trouxe consigo elementos que permeariam, dali em diante, a cobertura da morte de Stalin e como ela se referia a ele – ditador, generalíssimo – e à União Soviética – ditadura que perseguia opositores e limitava as liberdades individuais. Além disso, marcou o início da especulação sobre o futuro do país, primeiro acerca do sucessor de Stalin, depois das políticas que este assumiria; as principais expectativas que figuram nas páginas do jornal são o medo de outra guerra mundial e a possibilidade de um desmanche da URSS sem seu líder.

29 Faleceu Josef Stalin. *A Notícia*, Joinville, 06 mar. 1953, p. 1, 8.

30 SODERO, Francisco Carlos. Que acontecerá na União Soviética quando morrer Stalin?. *A Notícia*, Joinville, 06 mar. 1953, p. 8.

Cabe ressaltar que não pretende-se, aqui, negar ou justificar as ações do governo de Stalin. Busca-se, sim, encontrar as críticas – ou até mesmo defesas – feitas ao líder soviético, como elas são feitas, seu conteúdo e qual a cultura política que as origina³¹. Tal exercício precisa ser aprimorado, mesmo para o curto período aqui analisado, de forma que se possa retroceder temporalmente e delinear essa narrativa ao longo da existência do jornal. Por hora, no entanto, nos limitamos a uma análise mais atenciosa das primeiras fontes disponíveis e a apontar os passos que podem ser tomados em trabalhos posteriores.

Resta narrar...

A continuidade da pesquisa poderá voltar um olhar mais atento, por exemplo, para o espaço dado para opiniões sobre a morte de Stalin, como na edição de 07 de março, em artigo intitulado "Agita o mundo a morte de Stalin", em que as impressões de diplomatas, políticos e clérigos são reproduzidas; a maioria fala da capacidade de liderança de Stalin, contraposta à sua brutalidade³². Junto disso, o estudo das expectativas em relação ao futuro da URSS pode, também, ser levado além do exposto até então. As imagens utilizadas pela publicação também merecem atenção, como a que acompanha o último artigo citado, que traz Malenkov, apontado como sucessor de Stalin, "o ditador desaparecido". Outras dimensões de estudo podem incluir a recepção dessas notícias pelo público da região – aqui, a principal dificuldade seria a localização das fontes – e uma análise comparativa entre o *A Notícia* e outros jornais locais.

Além disso, outros fatores que devem ser averiguados dizem respeito às questões políticas da União Soviética destacadas pelo jornal, como a Guerra da Coreia, acerca da qual Stalin participava dos debates e negociações, e os embates na Cortina de Ferro, como um bombardeio a aviões ocidentais em 16 de março de 1953, que é visto como uma mensagem clara de que a URSS continua na ofensiva contra o ocidente. Por fim, existem as questões políticas nacionais que podem ter influenciado, em alguma medida, o discurso do jornal, como o decreto número 32.285, de fevereiro de 1953, que regulamentou o câmbio oficial e instituiu o câmbio livre, em meio a negociações e aproximações com os Estados Unidos.

31 A categoria “cultura política” é utilizada, aqui, para definir “um conjunto de valores, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, expressando uma identidade coletiva à base de leituras comuns do passado e inspirando projetos políticos direcionados para o futuro” (MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: Cultura política brasileira e modernização autoritária*. São Paulo: Zahar, 2014, p. 12).

32 *Agita o mundo a morte de Stalin*. *A Notícia*, Joinville, 07 mar. 1953, p. 1, 8.



Fica evidente, portanto, que esta análise não pode terminar neste texto. As questões discursivas pedem atenção redobrada e o *A Notícia*, em sua configuração político-partidária, oferece inúmeras possibilidades de pesquisa e extenso corpo de fontes. Sua cobertura da morte de Stalin, permeada por críticas à União Soviética, estava assentada no discurso fundador da segunda fase do jornal (1946-1956), que se propôs como defensora da democracia nacional e militante contra influências internacionais perniciosas, entre as quais, certamente, figurava o 'comunismo' soviético e seu 'generalíssimo'. Nesse sentido, bebeu da fonte do anticomunismo liberal brasileiro, com algumas influências cristãs e nacionalistas, e se empenhou em denunciar o caráter ditatorial do regime soviético e de seu líder.

Referências

A NOTÍCIA. Joinville: 5 mar. 1953 - 13 mar. 1953. Disponível em: Biblioteca Pública de Santa Catarina, Florianópolis.

BARCELLOS, Bruna Luíza; FERNANDES, Mário Luis. Jornal *A Notícia* e o discurso nazista em Santa Catarina. *Cenários da Comunicação*, v. 7, n. 2, p. 127-135, São Paulo, 2008.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. Os partidos de direita e o debate sobre as estratégias anticomunistas (Brasil e Chile, 1945-1950). *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 51-66, Belo Horizonte, jan/abr 2014.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, p. 111-54, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

_____. *As universidades e o regime militar*: Cultura política brasileira e modernização autoritária. São Paulo: Zahar, 2014

NETTO, José Paulo. *O que é stalinismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROTHBERG, Abraham. *Os herdeiros de Stalin*: a dissidência e o regime soviético (1953-1970). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1972.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização*: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese (Doutorado em História Cultural), UFSC, 2004.

TERNES, Apolinário. *História do Jornal A Notícia*. Joinville: A Notícia, 1983.

_____. *A Notícia*: jornalismo & história (1923-2003). Joinville: Letradágua/A Notícia, 2003.



Recebido em 28 de maio de 2017.

Aceito para publicação em 29 de janeiro de 2018.

